



EDUCAÇÃO AMBIENTAL A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA PATRIMONIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA PIBID/HISTÓRIA/UFAC

DAMASCENO, Alexandre Henrique da Silva ¹
NOGUEIRA, Cleyton Pereira ²
NUNES, Eduardo Silveira Netto ³

RESUMO: O presente trabalho discute a articulação entre Educação Ambiental e Educação Patrimonial a partir de uma experiência formativa realizada no Horto Florestal de Rio Branco, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O estudo parte da compreensão do patrimônio natural como espaço de produção de memórias, identidades e aprendizagens, tendo como objetivo refletir sobre seu potencial pedagógico na formação inicial docente. Trata-se de um Relato de Experiência construído a partir de vivência ocorrida na Escola de Educação Ambiental do Horto, com participação dos bolsistas do PIBID. A atividade foi desenvolvida por meio de discussão teórica, observação participante, trilha interpretativa e registro reflexivo posterior, articulando referenciais da História e da Geografia para análise do espaço. Ao longo da experiência, analisamos a relação entre História e Geografia na compreensão do território, observamos como o Horto se configura como espaço socialmente produzido e identificamos a biodiversidade amazônica como elemento constitutivo do patrimônio local. Encontramos indícios de que o espaço articula sistemas de objetos e de ações, revelando sua dimensão histórica, geográfica e ambiental, além de fortalecer vínculos entre comunidade, ciência e preservação. A vivência demonstrou a potência dos espaços não formais para práticas interdisciplinares e para a construção de aprendizagens significativas. Os resultados indicam que o patrimônio natural, quando integrado às práticas pedagógicas, amplia as possibilidades formativas e aponta para uma formação docente mais crítica, sensível ao território e comprometida com a realidade socioambiental amazônica.

PALAVRAS-CHAVE: território; memória; formação docente; patrimônio natural; amazônia.

¹ Graduando em Licenciatura em História, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), Universidade Federal do Acre, *Campus* Sede - Rio Branco, alexandre.damasceno@sou.ufac.br.

² Graduando em Licenciatura em História, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), Universidade Federal do Acre, *Campus* Sede - Rio Branco, cleyton.nogueira@sou.ufac.br.

³ Professor coordenador: Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, Mestre em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Bacharel em História (USP), Licenciado em História e Pedagogia. É bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de Passo Fundo (UPF), eduardo.nunes@ufac.br



1 INTRODUÇÃO

O Horto Florestal, localizado no município de Rio Branco, no estado do Acre, é um fragmento florestal inserido na malha urbana, que disputa com o concreto da cidade o direito à existência. Guardando os pedaços de outra época, do tempo em que a floresta ainda imperava, este espaço ergue-se como um refúgio para a fauna e a flora, um verdadeiro Éden amazônico em meio à urbanização. Localizado no 1º distrito da capital, às margens do Igarapé São Francisco, seus cerca de 17 hectares resistem ao avanço urbano, desempenhando um papel ecossistêmico vital na preservação da mata ciliar e na regulação do microclima (Araújo *et al.*, 2024).

Criado na década de 1970, o espaço foi inicialmente concebido para o lazer da população. Contudo, em paralelo a essa função, assumiu a missão estratégica de produzir mudas de espécies nativas destinadas à recuperação de áreas degradadas e ao paisagismo da cidade. Hoje, consolidou-se também como um polo de referência em educação ambiental, abrigando a sede da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMEIA) e a Escola de Educação Ambiental (Araújo *et al.*, 2024; Assunção *et al.*, 2025).

Nesse sentido, conforme argumenta Leal (2020, p. 75), para compreender a inserção da natureza no âmbito do patrimônio cultural é necessário considerar, inicialmente, a percepção da natureza como elemento de contemplação, capaz de influenciar narrativas identitárias nas quais ela se apresenta como cenário ou paisagem nacional. Paralelamente, emergem iniciativas preservacionistas em que natureza e cultura aparecem como elementos radicalmente distintos. Ao tensionar essa dicotomia, o Horto Florestal revela-se como espaço híbrido, no qual natureza e cultura se entrelaçam, produzindo sentidos, pertencimentos e experiências educativas que desafiam a lógica fragmentadora da urbanização contemporânea.

Nesse contexto, a educação patrimonial nunca esteve tão ligada à educação ambiental como nos dias atuais, espaços como o Horto Florestal desempenham uma papel essencial para os espaços urbanos, é nesses fragmentos de floresta que se constitui inúmeras trocas sociais, culturais e identitárias, principalmente quando esses espaços estão localizados dentro da amazônia. O Brasil, por meio da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), instituída pela Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, reconhece a educação ambiental como um componente essencial e



permanente da educação nacional, devendo estar presente em todos os níveis e modalidades de ensino, tanto em espaços formais quanto não formais. Nesse sentido, a prática docente não se limita à sala de aula, pois se articula diretamente com a realidade social, cultural e ambiental dos educandos, possibilitando a construção de saberes a partir das experiências vividas em seu território. Nessa perspectiva, a educação patrimonial aproxima-se da educação ambiental ao promover o reconhecimento, a valorização e a preservação dos bens naturais e culturais, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na proteção do patrimônio e na construção de uma relação mais sustentável com o meio ambiente e com a memória coletiva.

No âmbito da formação inicial de professores, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) destaca-se por promover experiências formativas que articulam teoria e prática, contribuindo para a articulação entre saberes acadêmicos e práticas pedagógicas, elemento fundamental no processo de constituição da identidade docente. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência sobre uma atividade formativa realizada na escola de Educação Ambiental no Horto Florestal de Rio Branco, promovida pelo Núcleo 1 – Patrimônio Histórico e Cultural do PIBID, vinculado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Acre.

2 METODOLOGIA

Segundo Romeu Gomes (2015), a análise e a interpretação de dados na pesquisa qualitativa são processos interligados, que visam produzir sentidos a partir do material coletado, sempre em diálogo com o referencial teórico que orienta a pesquisa. Partindo dessa compreensão, este trabalho configura-se como um Relato de Experiência, construído a partir da vivência ocorrida no dia 31 de janeiro de 2026, no Horto Florestal de Rio Branco, especificamente na Escola de Educação Ambiental do espaço.

A atividade contou com a participação dos bolsistas do PIBID de Licenciatura em História, entre os quais me incluo, durante uma aula de Educação Ambiental conduzida pelo professor Deivid de Menezes e pela geógrafa Raiane. A experiência constituiu-se como um momento formativo significativo, pois articulou discussão



teórica, observação do espaço e problematizações acerca da relação entre Educação Patrimonial e Educação Ambiental.

Metodologicamente, o texto fundamenta-se na narrativa escrita em primeira pessoa, assumindo caráter subjetivo e reflexivo, conforme orientam Grollmus e Tarrés (2015), ao compreenderem o relato como possibilidade de sistematização de experiências vividas. Assim, parto do entendimento de que o Relato de Experiência permite articular descrição, interpretação e análise crítica da prática pedagógica, sem dissociar o vivido do pensado. Nesse sentido, assumo uma postura de observação participante, pois estive simultaneamente implicado como sujeito da experiência e como observador atento das dinâmicas, interações e problematizações propostas ao longo da aula.

No desenvolvimento da atividade, a discussão inicial concentrou-se na relação entre História e Geografia, a partir de uma pergunta norteadora lançada pela geógrafa: qual é a relação entre essas duas áreas do conhecimento e como elas se articulam com a Educação Patrimonial e a Educação Ambiental? A partir dessa provocação, participei das discussões coletivas, observando como os colegas mobilizavam conceitos como território, memória, paisagem e identidade para compreender as dimensões ambientais e patrimoniais do espaço vivenciado.

O registro da experiência foi realizado por meio de anotações elaboradas posteriormente à atividade e da rememoração crítica das discussões, buscando contemplar tanto os aspectos objetivos, como a organização da aula, os conteúdos abordados e a condução dos mediadores, quanto os aspectos subjetivos, incluindo minhas impressões, inquietações e aprendizagens construídas ao longo do encontro.

Desse modo, a sistematização desta experiência não se limita à descrição do ocorrido, mas busca compreender o significado formativo da atividade para minha trajetória enquanto bolsista do PIBID, especialmente no que se refere à articulação entre Educação Patrimonial e Educação Ambiental. Assim, este Relato de Experiência constitui-se como um exercício de reflexão crítica sobre a prática vivenciada, evidenciando suas contribuições, seus limites e suas possibilidades de aplicação em contextos educativos semelhantes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO



Leal argumenta que (2020, p.74) “Patrimônio natural é uma categoria de reconhecimento de elementos naturais que, ainda que acione questões referentes à proteção da natureza, se constitui pela perspectiva da cultura e do patrimônio”. O Horto Florestal de Rio Branco não tem valor só por existir, o espaço constitui-se como local de preservação de espécies, integra a memória e a história da cidade e desempenha um importante papel como ambiente de educação ambiental, contribuindo para a formação de sujeitos conscientes sobre a relação entre a natureza, cultura e patrimônio.

No decorrer das atividades do Pibid, nós, bolsistas, passamos por um processo de capacitação voltado à compreensão do patrimônio material e imaterial no Brasil. Entre as formações oferecidas, destacou-se um minicurso sobre patrimônio natural, que enfatizava a importância de compreender e reconhecer o espaço natural como uma potencial ferramenta pedagógica. A proposta do minicurso partia da ideia de que o ambiente natural não deve ser visto apenas como cenário ou objeto de contemplação, mas como espaço de produção de conhecimento, de experiências e de construção de sentidos. Tal perspectiva dialoga com o pensamento de Paulo Freire (1997), ao afirmar:

Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica re-conhecer. No fundo, o que eu quero dizer é que o educando se torna realmente educando quando e na medida em que conhece, ou vai conhecendo os conteúdos, os objetos cognoscíveis, e não na medida em que o educador vai depositando nele a descrição dos objetos, ou dos conteúdos (Freire, 1997).

Ao reconhecer o patrimônio natural como instrumento pedagógico, amplia-se a possibilidade de uma prática educativa que valoriza a experiência, o diálogo e a construção ativa do conhecimento, em consonância com a perspectiva freireana de educação.

No dia 31 de janeiro, nos dirigimos ao Horto Florestal de Rio Branco para participar de uma aula na Escola de Educação Ambiental, conduzida pelo professor Deivid de Menezes e pela professora e geógrafa Raiane, em uma atividade que integrou as vivências formativas do Pibid e que nos proporcionou um contato direto com o espaço enquanto objeto de reflexão pedagógica, histórica e geográfica.

Logo no início da aula, fomos provocados com uma questão que orientou toda a discussão daquele encontro: qual é a relação entre História e Geografia e de que maneira essa relação se manifesta concretamente no espaço do Horto Florestal? As



primeiras respostas apresentadas pelos pibidianos apontaram para uma compreensão mais imediata do lugar, destacando-o como um espaço de mata e floresta utilizado pela população para caminhadas, piqueniques, trilhas e momentos de lazer, evidenciando sua função social no cotidiano urbano. No entanto, à medida que a conversa avançava e as reflexões se aprofundavam, outras contribuições trouxeram uma leitura mais complexa do espaço, e uma delas, em especial, destacou que o Horto é um espaço de relações sociais, de construção de memórias e até de identidades, pois ali circulam pessoas de diferentes bairros, trajetórias e histórias de vida, que estabelecem vínculos afetivos e simbólicos com aquele fragmento de floresta inserido na cidade.

Ao longo dessa discussão, tornou-se fundamental retomar a definição de História apresentada por Marc Bloch (2001), ao afirmar que a História é a “ciência dos homens no tempo”, compreensão que amplia significativamente nosso olhar sobre o espaço e nos permite entendê-lo para além de sua dimensão física ou natural, reconhecendo-o como resultado das ações humanas acumuladas historicamente, das permanências e rupturas, das disputas e das experiências que se sedimentam ao longo das gerações. Assim, aquele fragmento de floresta inserido no tecido urbano deixa de ser visto apenas como um dado geográfico ou ambiental e passa a ser compreendido como território histórico, atravessado por práticas sociais, por memórias coletivas e por processos de ocupação, preservação e ressignificação que se desenvolvem no tempo.

Além disso, ao destacarmos que esse fragmento pertence à Floresta Amazônica, reconhecida como a maior floresta tropical do mundo, ampliamos ainda mais a escala de análise, situando o Horto em uma dimensão que ultrapassa os limites do município e o conecta a debates globais sobre meio ambiente, preservação e patrimônio natural. Nesse ponto, a reflexão dialoga diretamente com a concepção de espaço formulada por Milton Santos (1996), para quem o espaço não é apenas o palco onde a vida acontece, mas um conjunto indissociável de sistemas de objetos, como as infraestruturas, as técnicas e as formas materiais, e de sistemas de ações, como as práticas sociais, econômicas e políticas, articulados no tempo e atravessados por intencionalidades. Dessa maneira, ao articular Bloch e Milton Santos, compreendemos que o Horto Florestal é simultaneamente histórico e geográfico, pois é produzido pelas relações humanas no tempo e estruturado por



materialidades e ações que revelam seu caráter dinâmico, socialmente construído e permanentemente ressignificado.

Em um segundo momento da aula, fomos instigados a refletir sobre o que, naquele espaço específico, poderia ser considerado patrimônio e quais seriam os critérios para tal reconhecimento, o que nos levou a pensar não apenas na vasta biodiversidade presente - tanto da fauna quanto da flora -, mas também na comunidade estabelecida nos arredores do Horto, nas práticas culturais ali desenvolvidas e nas múltiplas relações sociais que se constroem cotidianamente naquele território. Essa experiência nos permitiu compreender, de maneira mais concreta, que o patrimônio não se restringe a elementos materiais ou naturais isolados, mas envolve também os significados atribuídos coletivamente, as memórias compartilhadas e as formas de pertencimento que se consolidam na interação constante entre sujeitos e espaço.

No terceiro momento da atividade, fomos convidados a conhecer mais profundamente o espaço que compreende o Horto Florestal e as ações que ali são desenvolvidas, realizando uma trilha que nos conduziu até a Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Rio Branco (Semeia), órgão da Prefeitura de Rio Branco, no estado do Acre, responsável pela coordenação e execução das políticas públicas voltadas à preservação, conservação e proteção do meio ambiente e dos recursos naturais do município. Durante a visita, compreendemos que a Semeia atua na preservação de áreas verdes, parques e praças, garantindo a conservação da biodiversidade e dos ecossistemas urbanos, além de ser responsável pelo licenciamento ambiental de empreendimentos potencialmente poluidores, pelo controle e fiscalização de atividades que possam causar degradação ambiental, pelo combate ao desmatamento ilegal e pela aplicação de medidas corretivas quando necessário. Também conhecemos suas ações voltadas à educação ambiental, promovidas junto às escolas e comunidades, bem como os programas de arborização urbana, gestão de resíduos sólidos e proteção de mananciais e recursos hídricos, iniciativas que buscam equilibrar o desenvolvimento urbano com a preservação ambiental e assegurar qualidade de vida às gerações presentes e futuras.

Após essa imersão institucional e ambiental, fomos surpreendidos por uma espécie de “pegadinha” pedagógica proposta pelo professor Deivid, que nos perguntou se seríamos capazes de reconhecer uma seringueira mesmo sem os



cortes tradicionalmente feitos para a extração do látex, desafiando-nos, ao longo do percurso, a identificar e apontar as árvores presentes na trilha. A atividade, que à primeira vista parecia simples, revelou-se um exercício de observação atenta e de reconhecimento do patrimônio natural, levando-nos a perceber o quanto ainda precisamos educar o olhar para, de fato, conhecer o espaço que nos cerca.

Ao final da atividade, fomos convidados a realizar uma trilha maior pelo parque com o objetivo de capturar, com o olhar atento, algumas das inúmeras espécies que ali habitam, dentre elas espécies endêmicas, como o sabiá-da-várzea (*Turdus sanchezorum*), o que nos fez perceber, de maneira concreta, a riqueza biológica presente naquele espaço que muitas vezes é reduzido apenas à ideia de área verde urbana. Nesse contexto, conhecemos também o projeto “Aves do Horto Florestal”, criado pelo professor Deivid de Menezes na plataforma de ciência cidadã iNaturalist, iniciativa que conta com a participação da população para o registro das espécies e que fortalece o vínculo entre comunidade, ciência e preservação ambiental.

Diante de tudo o que foi vivenciado ao longo da aula - das discussões teóricas às experiências práticas na trilha, torna-se inegável que o Horto Florestal de Rio Branco se configura como um espaço pedagógico potente, com múltiplas possibilidades de abordagem interdisciplinar, capaz de articular História, Geografia, Educação Ambiental e Educação Patrimonial em uma experiência formativa que ultrapassa os limites da sala de aula e nos convida a aprender a partir do próprio território.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada no Horto Florestal de Rio Branco demonstrou que a articulação entre Educação Patrimonial e Educação Ambiental se concretiza de forma significativa quando o espaço é compreendido como território histórico e geográfico, socialmente produzido e permanentemente ressignificado. As atividades desenvolvidas ao longo da aula indicam que o reconhecimento do patrimônio natural ultrapassa a dimensão ecológica, envolvendo também memórias, pertencimentos e práticas sociais que se constroem no tempo.

A vivência no âmbito do PIBID apontou para a potência formativa dos espaços não formais de ensino, evidenciando que o Horto Florestal constitui-se como

ambiente privilegiado para práticas interdisciplinares, capazes de integrar História e Geografia em uma perspectiva crítica e sensível ao território. Assim, a experiência relatada reforça a importância de incorporar o patrimônio natural às práticas pedagógicas, ampliando as possibilidades de aprendizagem significativa e fortalecendo a formação docente comprometida com a realidade socioambiental amazônica.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Federal do Acre (UFAC) e da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Rio Branco. Agradecemos ao professor Deivid de Menezes e à geógrafa Raiane pela condução da atividade formativa e pelas reflexões compartilhadas, fundamentais para a construção desta experiência.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Caio Henrique Bandeira de; GOUVÊA DA GAMA E SILVA, Zenobio Abel Perelli; SANTOS, Waldemir Lima dos; PEREIRA, Paulo Cezar Gomes. Percepção ambiental dos frequentadores do Horto Florestal Municipal de Rio Branco – Acre, 2023. *Scientia Naturalis*, v. 7, n. 2, p. 548–567, 2025. DOI: <https://doi.org/10.29327/269504.7.2-8>.

ARAÚJO, Daniel Amarilha; FRANCO, Alexsande de Oliveira; ABREU, Renata Gomes de. A contribuição do Horto Florestal de Rio Branco – Acre, para a ecologia urbana: análise dos benefícios ambientais e sociais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFAS E GEÓGRAFOS (CBG), 8., 2024, São Paulo, SP. *Geo-grafando para construir o Brasil*. São Paulo: AGB, 2024. Anais [...].

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 28 abr. 1999. Planalto.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34^a



Ed. São Petrópolis: Vozes, 2015. P. 79-108.

GROLLMUS, Nicholas S.; TARRÈS, Joan P. **Relatos metodológicos: difractando experiências narrativas de investigación**. Fórum Qualitative Social Research, v. 16, n. 2, mayo 2015. Disponível em:<file:///C:/Users/Particular/Downloads/2207-9561-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em: 25 fev. 2026.

LEAL, Cláudia Feierabend Baeta. Patrimônio natural. In: CARVALHO, Aline Vieira de; MENEGUELLO, Cristina (org.). **Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020. 271 p.

SAQUET, Marcos Aurelio; DA SILVA, Sueli Santos. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. Geo Uerj, v. 2, n. 18, p. 24 à 42-24 à 42, 2008.